

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE na Rua do Hospicio 85	Preço da assignatura por mez	Para a Corte..... 1\$000 Para as Provincias... 1\$500	AS ASSIGNATURAS começam no 1.º de cada mez
--	------------------------------	--	--

A BASTARDA

SEGUNDA PARTE

JOANNA E MAGDALENA

XXI

O IDIOTA

(Continuação.)

Não se devia pensar em transportar o conde até o logar onde estacionava o carro.

O escrivão recebeu ordem para ir buscar o veículo, e não tardou que voltasse com elle.

Accommodaram o Sr. de Vezay nas almofadas do fundo.—O estado em que elle se achava tornava inteiramente inutil a presença dos dous policias.

Conseguintemente, ordenou-se a estes que procurassem na localidade uma carrocinha para conduzir a Tours o pretendido idiota, e á qual elles escoltariam.

Depois, o Sr. de Pesselières metteu-se no carro com o juiz, e o escrivão subiu para a boléa.

Durante o trajecto, os magistrados conversaram ácerca do que acabava de se passar, e fizeram a esse respeito cem conjecturas, nenhuma das quaes estava proximo da verdade.

Logo que o conde de Vezay foi recolhido ao quarto que ocupava no palacio da justiça, o promotor mandou chamar um medico.

Esse medico approvou muito a sangria, á qual, accrescentou elle, o velho devia certamente a vida.

Declarou que a lingua e as facultades intelectuaes do conde se achavam, por então, paralysadas, e não tomou a responsabilidade de affirmar que essa paralysia devesse cessar em breve tempo,—cousa que, no entanto, não lhe parecia absolutamente impossivel.

Duas horas depois, uma carrocinha, puchada por um magro cavallo, chegava á porta da prisão.

Dessa carrocinha tiravam o vagabundo e encarceravam-n'o provisoriamente. Devia elle, no dia seguinte, ser submettido ao primeiro interrogatorio.

XXII

OS MORTOS, APÓS VINTE ANNOS, SAHEM DA SEPULTURA?
(RACINE. — *Athalia.*)

Não fazemos a menor allusão ácerca da prodigiosa inverosimilhança do facto singular em que vai repousar o desfecho da nossa narrativa.

Ora, — por mais inverosimil que esse facto pareça, — é elle no entanto, não só possivel, como verdadeiro.

Comprehende-se que achassemos util indicar aqui as provas concludentes e innegaveis sobre as quaes baseamos esta affirmação.

Na data de 30 de outubro de 1839, o mais divulgado de todos os jornaes ingleses, o *Times*, consagrava uma columna e meia de seus *factos diversos* á narração de um dramatico e deploravel erro judiciario, felizmente desfeito por um facto identicamente semelhante ao que estamos narrando.

A narrativa do *Times* era reproduzida, no dia seguinte, pelo *Morning Post*, pelo *Morning Chronicle*, e sem duvida por muitos outros jornaes.

E' bem provavel que essa curiosa anecdota haja encontrado logar, naquelle mesma epocha, nas gazetas francesas. Não nos achamos, porém, presentemente, no caso de nos certificarmos.

Quanto ás folhas inglezes que acabamos de citar, estão em nosso poder, e podem os incredulos verificar.

Dito isto, e provado, passemos adiante.

Chegou o dia seguinte.

O promotor, — interessado pelas estranhas complicações do processo, como se fica, por occasião de exhibir-se uma peça commovente, interessado pelas peripecias que o dramaturgo pôz em scena, — quiz assistir ao interrogatorio do vagabundo.

Esse interrogativo foi estranho.

Durante toda a primeira parte, o homem dos andrajos pareceu, como na vespera, surdo e mudo.

Não respondia á pergunta nenhuma; nenhum lampo de intelligencia se mostrava nem no seu olhar, nem na sua physionomia, que exprimisse, sequer, a sorpreza.

O Sr. Vachelet e o promotor publico, desanimados, iam pôr termo áquillo enviando pura e simplesmente o velho para um hospicio de alienados ou para um asylo de mendigos, quando o juiz de instrucción, fazendo uma ultima tentativa, perguntou:

— Porque foi que hontem, quando o conde de Vezay exclamou: *Quem é que falla?* — porque foi que respondeu: — *Sou Armando de Villedieu?*...

Estes dous nomes juntos — *Vezay* e *Villedieu* — produziram no idiota estranho e subito effeito.

Como na vespera, — quando o conde, terminando a sua invocação, dissera com voz retumbante: — *Surge da tua tumba, Armando de Villedieu!... surge da tua tumba e vem em meu socorro!*... o idiota deu um passo para a frente.

O peito offegou-lhe, entumecido, — o raio luminoso da intelligencia que renasce lhe brilhou nos olhos, até então embaciados e fjos.

Estendeu elle as mãos tremulas, e como na vespera respondeu:

— Sou Armando de Villedieu...

— E' impossivel!.. Aquelle que assim se chama morreu...

— Sou Armando de Villedieu... repetiu o velho.

— Armando de Villedieu foi assassinado pelo conde de Vezay na noite de 20 de setembro de 1820, porque Armando de Villedieu era amante da condessa Margarida...

Apenas o juiz acabou de pronunciar as precedentes palavras, o vagabundo, soltando um grito, apoiou ambas as mãos nas fontes e comprimiu-as com força, como se sentisse que o pensamento, fervendo-lhe no cerebro, fôsse irromper.

— Oh! meu Deus!.. balbuciou elle com voz desconhecida; a noite de 20 de setembro... Margarida... oh! meu Deus! meu Deus!.. eu disperto... recordo-me...

Ao passo que o velho murmurava estas palavras entrecortadas, — tudo nelle parecia transformar-se, — não só a voz, como a attitude, como o semblante, que de algum modo se transfigurava...

Havia desvario no tom das suas palavras e nos seus olhares; — era loucura talvez, mas já não era idiotismo.

Todos os espectadores daquella scena, o promotor, o juiz, o escrivão, e os proprios guardas, experimentavam indizivel espanto e sentiam-se abalados até o fundo das entradas.

— Se este homem está representando uma commedia, disse o Sr. de Pesselières baixinho ao ouvido do juiz de instrucção, — que artista!...

— Veremos, respondeu e outro magistrado no mesmo tom.

Entretanto o velho parecia acalmar-se.

Deitou em torno de si um olhar interrogador e perguntou:

— Onde estou eu? Quem me trouxe aqui?...

— Porque me fallam da condessa Margarida e da noite de 20 de setembro?... Quem são os senhores e que pretendem de mim?...

O juiz respondeu.

— Queremos saber por que razão o senhor pretende chamar-se Armando de Villedieu... e temos o direito de lh'o perguntar...

— Não, senhor, respondeu com altivez o velho, não lhes assiste o direito de duvidar quando eu affirmo!

— Mas quem é o senhor para afirmar?

— Sou Armando de Villedieu.

O juiz sorriu-se.

— Isso, disse elle, é uma impossibilidade que gyra em um circulo vicioso. Repito-lhe que o visconde de Villedieu morreu...

— Bem estão vendo que me acho vivo!...

— Morreu na noite de 20 de setembro de 1820, ha vinte annos... continuou o Sr. Vachelet.

— Vinte annos... exclamou o velho; vinte annos!... O senhor está louco!... 20 de setembro foi hontem...

— Estamos em 1840, meu caro, fique sabendo, se o ignora, disse o juiz com sardonico sorriso.

Na physionomia do velho transpareceu uma expressão de surpresa.

— 1840!... repetio elle por duas vezes; 1840!...

— Nem mais, nem menos.

— Vinte annos!... Oh! meu Deus!... que foi feito de mim nestes vinte annos?... onde estão aquelles a quem amei?... — Meu filho Luciano vive ainda?... quem m'o dirá? quem?...

— O filho de Armando de Villedieu, respondeu o juiz, — o visconde Luciano, de quem o senhor falla, casou-se, ha quinze dias, com a filha unica do conde de Vezay...

O velho soltou um grito lancinante.

Agitou os braços no ar e deixou-se cahir em uma cadeira que se achava por traz delle, murmurando em tom de inaudito desespero:

— Sua irmã!...

Os dous magistrados trocaram um novo olhar. Naquelle olhar a duvida substituia a completa incredulidade.

Começavam a confessar a si proprio que actores daquella força não se encontram, nem mesmo em Paris; — que por conseguinte é muito raro que elles andem a correr os campos, cobertos de andrajos de mendigo, e representando papeis de idiotas no interesse de um drama intimo.

Entretanto um juiz de instrucção não se confessa facilmente vencido.

Proseguiu elle, pois:

— Então o senhor affirma que é o mesmo Armando de Villedieu que todos acreditam morto ha vinte annos?

— Sou Armando de Villedieu, e proval-o-hei.

— Admittamos momentaneamente que seja verdade. — Deve lembrar-se do assassinato tentado na sua pessoa pelo conde de Vezay, em 20 de setembro de 1820, ás duas horas da manhã, — na galeria do castello, — quando o senhor sahia do quarto da condessa Margarida...

— De que assassinato me falla o senhor?... perguntou o velho. — O Sr. de Vezay é um coração nobre, incapaz de uma covardia!... assistia-lhe o direito de ferir-me pelas costas, como se mata a um ladrão... Não o fez, cruzou a sua com a minha espada em uma luta leal... Se succumbi, foi que Deus é justo!...

(Continua no proximo numero.)

O THESOURO DOS ASSASSINOS

VI

O RANGOU

(Continuação.)

O negro não fazia diligencia por se defender e fugia como uma cobra de entre as mãos do seu adversario.

Havia alli proximo um buraco formado pela torrente das aguas da chuva: foi por alli que o malvado se introduziu no jardim, e era tambem por lá que operava a retirada; e, logo que se apanhou do lado de fóra, desapparecia com uma velocidade prodigiosa.

Então Miguel abandonou a idéa de o perseguir, pois tinha que acudir á sua irmã, junto da qual se achava já a Sra. Gallois e a preta Zenobia. Josephina acabava de recobrar os sentidos, e disse a Miguel, como se elle a pudesse entender:

— Obrigada, meu irmão! Tu e esta corajosa Sra. Gallois ainda chegaram a tempo. Sem este auxilio, estava perdida!

— Sem duvida, menina — redarguiu a mulata toda vaidosa. — O Rongou pôde ver que eu não temia, e se elle ousar vir aqui outra vez... Ah! as brancas da Europa não são capazes de fazer como nós as brancas das colonias!

Miguel, com a jactancia propria da mocidade, exprimia por signaes que era capaz de matar o Rongou ao primeiro encontro.

— Pede a Deus que elle não nos appareça mais, meu irmão! — redarguiu Josephina, sentindo o corpo em calafrios.

Já então era urgente atalhar o incendio, que ameaçava comunicar-se á casa.

Cesar correu ao alpendre e ia demolindo tudo a machado.

Felizmente, a chuva, que cahira copiosamente, tinha penetrado no tecto, que era de folhas de palmeiras, as quaes, achando-se muito repassadas de agua, abafavam o incendio, cahindo em baixo.

Alguns baldes de agua fornecidos pelos vizinhos attrahidos com as detonações dos tiros puzeram termo ao incendio, cujo effeito se limitou a insignificante prejuizo.

Na manhã do dia seguinte, quando os agentes de policia recomeçaram as suas inuteis pesquisas nas circumvizinhanças de Cayenna, obtiveram a certeza de que o Rongou, como era de costume apóz um crime estrepitoso, se affastara das proximidades da cidade. Em breve, porém, o encontraremos.

No dia aprazado, o *Galgo*, aviso a vapor do Estado, deixava a bahia de Cayenna com destino á penitenciaria de S. Lorenço de Maroni, fazendo escala pelas ilhas de Salvação.

Este navio, que todos os mezes levava participações officiaes, provimentos e passageiros para as diversas possessões da Guianna francesa, ia agora cheio de gente.

No convez havia uma multidão agglomerada, a qual era protegida dos ardores do sol por um toldo arranjado com uma vela.

Além da gente da tripolação, viam-se alli militares, empregados da marinha, alguns acompanhados das mulheres e filhos; depois facultativos militares, ecclesiasticos, freiras e tambem alguns comerciantes, e finalmente grande numero de galés passeando em liberdade e esperando cada um que os deixassem nos pontos do seu destino.

Josephina Bertomy e seu irmão, que haviam sido admitidos a bordo do vapor por ordem do governador, na qualidade de parentes de um degradado, iam assentados á pôpa sobre as suas bagagens.

Ella parecia mais pallida do que ordinariamente, em razão da ultima aventura; com tudo divisa-se-lhe no rosto um doce sorriso.

Bem sabia que cada gyro operado pelas rodas do barco a aproximava de seu paí, que ella contava abraçar na manhã immediata.

Grandval tambem se achava a bordo do *Galgo*.

Dirigia-se ás penitenciarias do Maroni, sob pretexto de completar o carregamento de madeira para marcenaria, começado em Cayenna, e, graças á prudencia com que se houvera, não se suspeitou o fim real desta viagem.

Não obstante, conservava-se á distancia de Josephina e Miguel.

Depois de os haver installado no convez, fôra assentar-se ao lado do piloto, com quem, parecia, entabolará relações, e iam conversando ambos com a assiduidade que lhes permittiam as exigencias da manobra sobre tão perigosa costa.

Encaminhavam-se á ilha Real, onde o navio devia demorar-se alguns instantes, e naquelle altura já as grossas vagas começavam a sacudir o *Galgo*.

Tambem logo os passageiros experimentaram os effeitos do enjôo. Josephina, dominando esse incommodo, conservava-se em boa disposição.

Uma freira que se achava assentada alli proximo, empallidecendo rapidamente, quasi ia cahindo redondamente no chão, quando Josephina, dando por isso, correu para ella, amparando-a e ministrando-lhe todo o auxilio possivel.

Esta religiosa, que teria os seus quarenta annos, era de uma physionomia agradavel e sympathica.

Pertencia á Ordem de S. José de Chartres, cujas professas têm a seu cargo nas penitenciarias soccorrerem as mulheres degredadas e tratar os enfermos.

Josephina fez-lhe aspirar um frasquinho de elixir que a Sra. Gallois lhe dera, prevenindo qualquer accidente desta natureza.

Não tardou que a religiosa abrisse os olhos, agrandando-lhe os seus servicos com um terno sorriso.

— Poder-lhe-hei ser util em mais alguma cousa, minha irmã? — perguntou-lhe Josephina.

— Obrigada, menina. Já que tem tanta bondade, peço-lhe o obsequio de me acompanhar ao camarote reservado ás senhoras, onde estão as minhas irmãs, que tratarão de mim.

Quiz descer, agarrada a Josephina, porém as pernas dobravam-sé-lhe, e foi preciso que esta a segurasse bem para a acompanhar até ao camarote onde estavam as outras freiras.

Depois de a deixar assentada sobre um divan, ia Josephina a retirar-se, quando a religiosa lhe disse:

— Vejo quanto é caritativa, menina, e tambem sei que é muito devota, porque a vi esta manhã fazer o signal da cruz quando embarcavamos. Vai para S. Lourenço de Maroni?

— Sim, minha irmã.

— Pois bem; espero que nos veremos alli.

A pobre freira não pôde dizer mais nada, porque, empallidecendo subitamente, de novo se achou atacada dos espasmos.

Josephina, vendo a impotencia dos seus auxiliios, voltou ao convez, onde o surdo-mudo, durante a sua ausencia, tinha energicamente defendido o lugar contra as invasões dos passageiros.

Assentada novamente sobre as malas, entregou-se á meditação, com a cabeça encostada á borda do navio.

O aviso a vapor deixára já apoz si as ilhotas « Ramiro », e, posto se não perdesse de vista a costa, começavam a ver-se, similhantes a montanhas azuladas, as ilhas de Salvação, de que faz parte a ilha Real.

O *Galgó*, guiado por mão habil, vogava com igual facilidade, pelo menos apparentemente, no meio dos limos da mais intensa dureza, por entre os rochedos e sobre os perigosos baixos, que tão difficult tornam a navegação, naquellas paragens.

A bordo, ou por effeito do enjôo ou do excessivo calor, ou talvez por affrouxado aquelle primeiro entusiasmo da partida, á agitação dos primeiros momentos succedera geral quieiação. Apenas de vez em quando se ouvia uma ou outra voz, interrompida pelo bater cadenciado da machina de vapor e pelo estalido das vagas contra os tambores das rodas.

De repente uma voz sarcastica, dirigindo-se a Josephina, disse-lhe :

— Olá! por aqui, menina Bertomy?... Bons dias! como vai isso?

A moça estremeceu, voltando-se rapidamente.

Um dos galés que ia a bordo do vapor acabava de se collocar junto della, depois de ter descalçado os tamancos, afim de fazer menos ruido.

— Rigaut! E' o Sr. Rigaut! — exclamou Josephina admirada.

Miguel, reconhecendo o homem que se podia considerar o mao genio da sua familia, fixou sobre elle um olhar chammejante.

— Não ha novidade! — redarguiu o galé atemorizado. — Não é preciso fallar alto; está acolá um vigia que me espreita... Diga ao simplorio de seu irmão que eu não sou papão que o coma! Bem sabe que não é a si nem a elle que quero mal.

Josephina, considerando quanto lhe interessava não cortar as relações com este temivel homem, fez alguns signaes ao surdo-mudo, o qual tomou um aspecto menos ameaçador, sem, contudo, deixar de observar todos os movimentos de Rigaut.

— Está bem — disse o galé satisfeito. — Conversemos como bons amigos... Estou certo de que não esperava agora encontrar-me aqui. Effectivamente respondi por crime de tentativa de fuga: se fosse convencido de culpa, teria sido condenado a levar cincuenta açoutes e a dous annos de grilheta dobrada; mas, em summa, é preciso ter-se manha e labia para engodar o povo! Tive, pois, a habilidade de me sahir com carta limpa. Fiz persuadir aos juizes que cahira casualmente ao mar e que a corrente me levára para o largo, agarrado ao tronco da arvore: nem se podia presumir que eu me lembrasse de tal meio de evasão, em que havia um grau de probabilidade por cada dez mil. Depois fiz-lhes uma narração enternecedora dos meus soffrimentos, da minha lucta contra os monstros maritimos. Tive por testemunhas bons camaradas, que juraram ter-me visto cahir ao mar accidentalmente sem poderem socorrer-me... Emfim, minha cara, os juizes deixaram-me ir sem agravação de pena, sem culpa! Com mil diabos, cá sabe-se jogar uma carta!

Josephina, não obstante toda a sua virtude christã, talvez desejasse que a sorte do galé tivesse sido outra; entretanto perguntou-lhe timidamente :

— Então o Sr. Rigaut veio para a penitenciaria da ilha real?

— Infelizmente, não: teimaram em mandar-me para o infernal Maroni!... Mas não importa! Elles julgam possuir-me muito tempo, porém enganam-se perfeitamente! Tanto hei de emprehender, que conseguirei o meu fim!... Neste meio tempo — acrescentou elle com o seu riso sarcastico — conto achar alli o meu amigo Bertomy, a quem preciso vigiar, porque, em summa, persisto em acreditar que esta sua viagem é objecto de algum conluio.

A innocent Josephina baixou os olhos, dizendo:

— O fim da minha viagem é levar a meu pai algum linitivo á sua desgraça.

— E por certo tambem algum dinheiro, não é verdade? E' o que se precisa cá e eu saberei ter a minha parte nisso. E' verdade: não é aquele damnado do capitão Grandval quem está a conversar com o nosso piloto?

Elle anda sempre agarrado ás suas saias!... Com todos os diabos! Sempre tem uma vida bem forte e uma alma bem agarrada ao corpo! Pois não foi a falta de o recommendar a certos individuos de bom olho! Todavia, se o errarem ainda outra vez, tenha elle a certeza de que serei eu proprio que o procurarei!

— Peço-lhe, Sr. Rigaut,—disse Josephina, pondo as mãos — que renuncie os seus planos de vingança contra o capitão Grandval! Elle não tinha intenção de o entregar á policia; ao contrario, n'outra occasião lhe prestaria todos os serviços possiveis. Creia que só a força de circumstancias...

— Está bom, está bom — interrompeu o galé com ar indiferente. — Não tome esses ares de desespero nem esteja assim lamuriando; olhe que seu irmão está-me deitando uns olhos muito feios e consta-me que elle é muito forte de pulso. Além de que, o guarda vigia-me e não me tratará muito bem, se vir que estamos de accordo... Ora pois; vou liral-a da minha presença... Mas diga-me: não ha por ahi uma moeda de prata para o amigo do papá? Poderia então beber uma garrafa de vinho para combater o enjôo! Devéras que a acho bonita e farei comprimentos da sua parte a Bertomy, se a bondade corresponder á belleza.

Josephina revolveu precipitadamente a algibeira, de onde tirou uma moeda, que lhe entregou.

Então Rigaut, dirigindo-lhe um agradecimento ironico, retirou-se apressadamente.

(Continua no proximo numero.)